

# } 1.5.

## O anúncio e a pregação da ressurreição na fé da Igreja e sua formulação hoje

Arnaldo de Pinho\*

Os autores concordam em afirmar que, com a morte de Jesus na cruz, a sua utopia sobre o reino de Deus acabara de facto<sup>1</sup>.

Assim o entenderam os discípulos de Jesus, que após a sua morte voltaram à vida normal e a suas famílias. É certo que no judaísmo havia algumas referências com as quais se poderia entender o sofrimento do justo, mas Jesus havia ligado a sua causa tão estritamente à chegada do reino de Deus, que, efetivamente, a sua morte não poderia ser entendida nesse quadro.

Há de facto um hiato entre a vida de Jesus e a sua manifestação após a morte, que leva a um recomeço. O que está na origem deste recomeço? Todos respondem: a ressurreição.

Isso não significaria que entre a morte e a ressurreição haja um corte total. De facto, a ressurreição liga-se estreitamente à vida de Jesus, na medida em que sem esta vida de Jesus seria impossível esta morte e, sem esta, seria

\* Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

<sup>1</sup> Cf. Walter Kasper, *Jesus el Cristo*, Salamanca 1984, 150s; J. I. González Faus, *La Humanidad Nueva. Ensayo de Cristología*, Bilbao 1984, 115s.

impossível esta ressurreição. A ressurreição significa a confirmação pelo Pai da vida histórica de Jesus e sua morte, de tal forma que a primeira pregação dos Atos dos Apóstolos renuncia a toda a vida histórica de Jesus, limitando-se a anunciar a sua morte e ressurreição (Discurso de Pedro, At 2, 32-36). E isto porque a ressurreição é a chave não só da vida concreta de Jesus, mas também da sua compreensão. Os milagres de Jesus, escreve Pannenberg, «podiam assinalar a chegada do tempo da salvação, mas não poderiam mostrar, inequivocamente, que Jesus em pessoa fora aquele em quem se decidem, de maneira definitiva, a salvação ou o juízo»<sup>2</sup>.

Se as nossas informações sobre Jesus terminassem com a sua morte, e nunca tivesse ressoado sobre a terra o acontecimento da sua ressurreição, então Jesus só poderia ser recordado como Sócrates, Confúcio, ou Buda, os "homens normativos" de que fala Karl Jaspers... Provavelmente seriam citadas as bem-aventuranças ou o mandamento do amor. Mas a proclamação da Igreja primitiva e de Paulo é clara: Jesus ressuscitou e apareceu.

## 1. O perfil da informação sobre a ressurreição

O perfil da informação que temos sobre a ressurreição está longe de ser completo e harmónico; assemelha-se antes a uma espécie de pequenos *flashes* de luz, mas que permite que, de certa forma, o invisível se faça visível. Esta falta de uniformidade e de harmonia que encontramos nas fontes só testemunha em favor da credibilidade das mesmas. Onde muitos veem um obstáculo, devemos ver um motivo de credibilidade. Uma história inventada procura a harmonia. Deve concluir-se com naturalidade que a tradição cristã se alimentou de recordações ou memórias, pessoais e coletivas e as foi mantendo, com os seus claro-escuros.

Como escreve Kasper,

«A resposta do Novo Testamento à questão sobre a base da Igreja e da sua fé é totalmente clara. Segundo o testemunho de todos os livros bíblicos, os discípulos de Jesus anunciaram muito pouco depois da sua morte: que Deus o tinha ressuscitado; que ele, antes crucificado, se tinha mostrado vivo e que os tinha enviado a eles a anunciar esta mensagem a todo o mundo. Ainda que de forma inaudita, todos os escritos neotestamentários falam a mesma linguagem: Deus ressuscitou a este Jesus, do que somos testemunhas todos nós (At 2, 32). Este testemunho, de todo o Novo Testamento, forma a base e o quadro

<sup>2</sup> Cf. W. Pannenberg, *Fundamentos de Cristologia*, Salamanca 1974, 80.

central da mensagem do mesmo Testamento: "Pois se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã e vã é a nossa fé" (1 Cor 15, 14)<sup>3</sup>.

Mau grado tratar-se de formulações que encontram resistências entre os gregos e os judeus, por razões óbvias, ninguém as abandonou.

### **1.1. Que factos, que experiências deram origem à fé na ressurreição de Jesus?**

Para além das formas de confissão de fé como a da 1 Cor 15, na qual se afirma que Jesus apareceu a Pedro e depois aos doze, temos os relatos das cristofanias pascais que nos oferecem os Evangelhos: o das mulheres no regresso do sepulcro (Mt 28, 9-10) e o dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13), as dúvidas e confissão de Tomé (Jo 20, 24). Nelas o essencial é comum e concorde: Jesus vivo, manifestação como encontro, identidade e diferença com sua forma anterior, enquanto, relativamente ao accidental (lugares, horas, etc.), existe uma clara diferença.

Os frutos das aparições foram claros:

- revelação e encontro com Jesus;
- transformação dos discípulos em homens novos e corajosos;
- renascimento do povo da Aliança;
- surgimento da Igreja.

Tratando das aparições há o facto do túmulo vazio, sobre o qual muito se tem discutido. Na verdade, conquanto não seja tão importante como as narrativas das aparições, influenciou imenso na piedade popular e nas pinturas tradicionais. Basta pensar em Matias Grunewald, na Alemanha e nas representações populares.

Sobre este assunto, escreve Joseph Ratzinger/Bento XVI:

«Naturalmente que o sepulcro vazio como tal, não pode ser uma prova da ressurreição... Segundo S. João, Maria de Magdala encontrou-o vazio e supôs que alguém tivesse levado o corpo de Jesus (cf. 20, 1-3). É verdade que o sepulcro vazio, como tal, não pode demonstrar a ressurreição; mas temos a pergunta inversa: a ressurreição é conciliável com a permanência do corpo no sepulcro? Se Jesus jazia no sepulcro, poderia ter ressuscitado? Que tipo de ressurreição seria esta? Hoje desenvolveram-se concepções da ressurreição

<sup>3</sup> Cit., 152.

para as quais é irrelevante o destino do cadáver. Mas, em tal hipótese, também o sentido da ressurreição se torna tão vago que nos leva a interrogar-nos sobre que género de realidade teremos num tal cristianismo.

Seja como for Thomas Soding e Ulrich Wilckens observam, com razão, que, na Jerusalém de então, o anúncio da ressurreição teria sido absolutamente impossível se se pudesse referir a cadáver jacente no sepulcro. Por isso, partindo duma justa colocação da pergunta, é preciso dizer que, se o sepulcro vazio, como tal, não pode certamente provar a ressurreição, permanece porém um pressuposto necessário para a fé na ressurreição, uma vez que esta se refere precisamente ao corpo e, por seu intermédio, à pessoa na sua totalidade»<sup>4</sup>.

Para além da tradição sob a forma de narrativa e sob a forma de confissão de fé, Ratzinger sublinha, a justo título, pela sua diferença, as aparições de Jesus a Paulo, o apóstolo que não conheceu o Senhor<sup>5</sup>.

Para o verdadeiro destinatário Paulo/Saulo, escreve Bento XVI: «os dois elementos aparecem juntos: a luz brilhante que pode fazer lembrar o episódio do Tabor – o ressuscitado é simplesmente luz, e depois a palavra na qual Jesus se identifica com a Igreja perseguida e, ao mesmo tempo, confia a Saulo uma missão»<sup>6</sup>.

## 1.2. Sobre a natureza da ressurreição

Tem-se discutido muito sobre a natureza da ressurreição e mesmo sobre o estatuto do ressuscitado.

Parece-me que um dos que melhor sintetizaram este tema ainda foi Joseph Ratzinger/Bento XVI, na sua obra sobre Jesus de Nazaré, que sigo aqui de perto. Escreve Ratzinger que são importantes as seguintes distinções:

- Jesus não é alguém que voltou à vida biológica normal e que depois, segundo as leis da Biologia, deve morrer novamente;
- Jesus não é um fantasma (um espírito), ou seja, alguém que na realidade pertença ao mundo dos mortos, embora possa, de algum modo, manifestar-se de novo no mundo da vida;
- entretanto, os encontros com o ressuscitado são algo diferente das experiências místicas nas quais o espírito humano é, por um momento, elevado acima de si mesmo e enxerga o mundo do divino e do eterno.

<sup>4</sup> Joseph Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Nazaré até à Ressurreição*, Cascais 2011, 207-208.

<sup>5</sup> Cit., 214.

<sup>6</sup> Cit., 215.

A experiência mística é uma superação momentânea do âmbito da alma e das suas faculdades de percepção; mas não é um encontro com uma pessoa que externamente se aproxima de mim. Paulo distinguiu com grande clareza as suas experiências místicas – como por exemplo a sua elevação ao terceiro céu descrita em 2 Cor 12, 1-4 do encontro com o ressuscitado no caminho de Damasco, que foi um acolhimento na história, um encontro com uma pessoa viva<sup>7</sup>.

Isto dito, que poderemos adiantar sobre a natureza da ressurreição de Cristo?

A ressurreição, responde Ratzinger «é um acolhimento dentro da história que todavia rompe o âmbito da história e a ultrapassa»<sup>8</sup>. González-Faus, que não anda longe de Ratzinger, neste capítulo afirma na sua Cristologia que a «ressurreição fala, primariamente, de um passo da morte à vida. Mas trata-se de uma vida original, que não pode ser entendida a partir dela. Lázaro redivivo continua estando sujeito às leis. O ressuscitado não».

Tanto Ratzinger como González-Faus falam da ressurreição como nova dimensão<sup>9</sup>, citando W. Kunneth. Como dimensão nova é inobjetivável e irrepresentável. E neste sentido, escreve González-Faus, diz muito em favor da honradez dos Evangelhos o facto de que estes, frente a tendências presentes, por exemplo nos Apócrifos, não tentaram descrever a ressurreição, nem informar imediatamente sobre ela. Pois a ressurreição apenas pode ser conhecida nas manifestações do Ressuscitado.

Ao fim pode concluir-se que só a ressurreição exprime cabalmente aquilo que a teologia clássica designa como elevação do homem à ordem sobrenatural. Na verdade a ressurreição abre à ordem sobrenatural e converte-se num facto que só pode ser efetuado por Deus mesmo, sendo um ato tão exclusivamente divino como a criação.

### 1.3. Sobre a ressurreição como história e a questão da alma

O problema a que aludimos sobre a ressurreição como ato histórico foi muito discutido sobretudo a partir de Bultmann e ainda continua, mau grado já ter sido suficientemente esclarecido.

Mantemos que a ressurreição é um facto histórico no sentido de *Geschichte*, ou seja, no sentido de que tem um fundamento testemunhal objetivo que a transmite como facto histórico, não no sentido de *Ereignis*, mas de *Geschichte*.

<sup>7</sup> Cit., 221, 222.

<sup>8</sup> Cit., 222.

<sup>9</sup> Cit., respetivamente, 223 e 143.

A experiência dos homens e mulheres que afirmaram (e morreram por isso) terem visto o ressuscitado é irrepetível. Por isso a vemos como fundante e não os comentadores dessa experiência, como os biblistas ou os teólogos. Convém todavia pensar que não se trata de nenhum arcano ou – menos ainda – de algo totalmente inacessível, pois marcou-se um começo, foi possível comunicar essa experiência e é ainda hoje possível comunicá-la.

A palavra *ressurreição* foi a que melhor exprimiu aquela realidade que pasmou os primeiros testemunhos do facto, conquanto devamos dizer que há expressões afins em todo o Novo Testamento que não triunfaram, tais como *exaltação*, *colocação à direita*, *consumação* e outras.

A palavra-chave que usaram os primeiros pregadores cristãos qualificava uma realidade nova, que, como escreve von Balthasar<sup>10</sup>, caía fora de todo o pensável: foi a palavra *ressurreição*. Tomada à letra, a palavra significa ou pode significar o retorno da morte à vida. Ouvida num meio platónico ou neo-platónico, como era o meio da evangelização do Mediterrâneo, era natural que esta conotação prevalecesse tendo em conta a ideia grega da alma imortal que vive eternamente. Entendida assim, a ressurreição é um acontecimento de valor pouco relevante: as almas seriam imortais e esperariam a ressurreição dos corpos, interpretação dualista platonizante, mais ou menos simples e popular. Todavia, para o Novo Testamento, a ressurreição não era um acontecimento óbvio, mas totalmente inaudito. Mais ainda, tratava-se do único facto de que havia que dar testemunho. E se toda a problemática nascida sobre o signo de Bultmann – e ainda hoje às vezes tratada como há quase um século –, sobre o Jesus da história e o Cristo da fé não tivesse tido outro mérito, este teria tido: o de ter chamado a atenção para o lugar absolutamente privilegiado que tem no Novo Testamento a ressurreição. Facto que tinha sido algo obnubilado pelo desenvolvimento da Teologia medieval – sobretudo a tomista –, que pusera o acento na encarnação e na união hipostática.

Como consequência deste acentuar da encarnação e da união hipostática e naturalmente no atrofiamiento da celebração do mistério pascal, que só timidamente começa a ser celebrado com a renovação litúrgica pouco antes do Concílio, a ressurreição perdeu todo o relevo na arquitetura do mistério cristão. Desta forma, em vez de ser nova, a ressurreição passou a ser concebida como uma verdade sempre sabida da alma separada que espera pelo corpo glorificado.

O valor desta conceção – pois algum tinha – residia numa certa continuidade entre a ideia de imortalidade da alma, mais ou menos admitida pela filosofia até ao iluminismo, e a ressurreição. Uma e outra se encontravam com

<sup>10</sup> Von Balthasar, *El misterio pascual*, em *Mysterium Salutis*, vol. III/2, Madrid 1971, 143-339.

uma certa linha personalista, que não pode ser desprezada nem na religiosidade popular, nem na pregação. Na verdade, se a ressurreição pressupõe uma outra antropologia, que rompe com a antropologia dualista, não é menos verdade que a ideia de alma marca as pretensões ou aspirações de toda a vida humana a uma vida eterna.

Na nova concepção antropológica sugerida pela ressurreição e sua aceitação na fé, não é a alma que é de certa forma garantia da ressurreição, mas trata-se antes de uma recriação, superando a morte, segundo a bela forma paulina da semente que morre para dar lugar a uma árvore nova (1 Cor 15, 35).

O facto de ultrapassarmos com esta concepção um dualismo simplista não significa que não haja um acesso à vida eterna a partir de experiências humanas fundamentais que orientam o homem para a oferta do que oferece a ressurreição de Cristo. De certa forma, o cristianismo anuncia como realizado já em Cristo o que o homem secretamente anseia e por isso não é no vazio que ecoa a mensagem da ressurreição.

Pode portanto falar-se dum acesso antropológico à ressurreição, que tem sido explicitado teologicamente por diferentes autores: Karl Rahner escreve, sempre dentro do seu método transcendental, que «cada homem quer afirmar-se até ao definitivo e experimenta esta exigência na ação de sua liberdade responsável, seja ou não capaz de tematizar esta implicação da realização da sua liberdade, seja que aceite com a fé ou a refeça desesperadamente»<sup>11</sup>. Também o amor pessoal implica a mesma afirmação incondicional contra a morte. Da mesma forma a via histórica da justiça, desde o Eclesiastes até Bloch, tem sido interpretada como anelo para a Redenção total do homem e do mundo<sup>12</sup>.

## 2. Ressurreição e mistério de Deus

A ressurreição não é todavia, dum ponto de vista cristão, apenas resposta a um anelo humano. Se assim fosse, seria apenas uma projeção ou sublimação dos fracassos do homem e da sua história. Não está fabricada com o material dos nossos sonhos. Se fosse só isso, Feuerbach teria razão, quando escreveu na sua obra *A essência do Cristianismo* que «a ressurreição de Cristo é a satisfação do desejo humano de uma certeza imediata da sua persistência pessoal depois da morte»<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> *Curso Fundamental sobre a Fé*, Barcelona 1989, 315.

<sup>12</sup> Cf. T. W. Adorno, *Mínima Moralia*, Frankfurt 1970, 333.

<sup>13</sup> Feuerbach, Madrid 1995, 181-182.

Desde Lutero que a teologia evangélica desenvolveu as consequências da morte de Cristo para o mistério de Deus, consequências hoje abundantemente tratadas por teólogos católicos como von Balthasar e protestantes como E. Jungel ou Moltmann.

Von Balthasar, analisando longamente o mistério pascal e todas as suas formulações, acaba por vinculá-la ao mistério trinitário.

«A impressão de vaivém de imagens que pode produzir a afirmação que-rigmática esfuma-se se se tem em conta a sua forma trinitária básica. A ressurreição do Filho morto é vista como obra do Pai. E em estreita relação com essa ressurreição está a efusão do Espírito Santo.

De facto, o facto de Deus ter enviado a nosso coração o espírito de Seu Filho (Gal 4, 6) é que faz que a realidade objetiva se converta para nós em realidade existencial. Recordemos uma vez mais que os textos não permitem equiparar o facto da salvação e seu anúncio atual. A mensagem testemunha que continua a dar-se um encontro com Cristo vivo. Mas esse encontro remete-se a um facto anterior, não contemplado por ninguém senão por aquela noite com sorte»<sup>14</sup>.

Só reconhecendo o mistério trinitário no mistério pascal se pode reconhecer o por nós e pelo mundo, ou seja, o seu carácter salvífico. O reconhecimento da glorificação em Cristo é assim um dom da revelação que responde a uma pergunta do homem, ou seja, uma resposta da revelação transcendente a uma questão antropológica imanente.

De acordo com os grandes teólogos evangélicos e católicos que citamos, a que acrescentaríamos Rahner e Kasper, que também trataram expressamente estes temas em suas cristologias, a ressurreição de Jesus significa que a cruz que humanamente representa o final, um falhanço e mesmo uma ignomínia, é ao mesmo tempo recriação e abertura do mundo à esperança. Ressurreição significa que a obediência de Jesus não é um paradoxo encerrado em si mesmo, mas um acontecimento salvador.

A ressurreição do Crucificado e a sua entronização "à direita do Pai" não são para o Novo Testamento um acontecimento isolado, mas começo e antecipação da ressurreição dos mortos, pois Jesus é o primogénito dos ressuscitados (1 Cor 15, 13), o que quer dizer que a ressurreição de Jesus está numa perspetiva universal: não só é um acontecimento acabado, dizendo respeito a Jesus e nela ao dom de Deus ao mundo, como significa a consumação do homem e do mundo.

<sup>14</sup> Cit., 278-279. Balthasar refere-se ao hino da vigília pascal «o vere beata nox, quae sola meruit scire tempus et horam, in qua Christus ab inferis resurrexit».

### 3. Breve apontamento sobre ressurreição e teologias da esperança e da libertação

A irrenunciabilidade do horizonte escatológico-apocalíptico da fé pascal, presente sobretudo nas teologias da esperança e nas teologias da libertação, tem sido uma consequência natural desta dimensão do mistério pascal como novo polo da interpretação global do cristianismo e da graça, ao lado do polo da encarnação, que desde a Idade Média e sobretudo desde Tomás de Aquino era o grande polo da interpretação do cristianismo. Mais paulino que joânico, não responde à questão que era a da teologia medieval *Cur Deus homo*, mas responde à questão do para onde vão a história, a humanidade, a Igreja<sup>15</sup>.

A nova presença salvadora de Jesus entre os seus discípulos não só fundamenta a esperança e a liberdade, mas causa também um novo reagrupamento dos discípulos, presente de maneira nova. As aparições do ressuscitado continuam o movimento convocante de Jesus terreno de maneira nova. Assim se chega a reunir a Igreja como povo de Deus na nova aliança.

Toda a fundação da Igreja está intimamente unida com o envio do Espírito como algo de presente, visto que o Ressuscitado como tal é já obra do Espírito que dispõe do Espírito. O que quer dizer que os andaimes visíveis de nada servem se não estiveram imbuídos do Espírito.

A fundação da Igreja não é um fim em si mesmo, como o demonstra toda a dialética em que se funda o quarto Evangelho. A Igreja deve estar aberta ao mundo, já que ao mundo é enviada. É o mundo e não a Igreja que foi reconciliado com Deus, mediante a cruz e a ressurreição (Col 1, 19).

<sup>15</sup> Cf. sobretudo González Faus, cit., 477-541.